



Voz da Fátima

Director:
PADRE LUCIANO GUERRA
Ano 68 — N.º 808 — 13 de Janeiro de 1990

Redacção e Administração
SANTUÁRIO DE FÁTIMA — 2496 FÁTIMA CODEX
Telef. 049/532122 — Telex 42971 SANFAT P

ASSINATURAS INDIVIDUAIS
Portugal e Espanha 200\$00
Estrangeiro (via aérea) 350\$00



Propriedade: FÁBRICA DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA — PUBLICAÇÃO MENSAL — AVENÇA — Depósito Legal n.º 1673/83

O MURO DE BERLIM E A MULHER DO GÉNESIS

Como o prometido é devido, voltamos neste número com o mesmo título, e agora para um olhar "teológico": Tem Deus alguma coisa a ver com o Muro de Berlim?

Temos de aceitar que só com muita humildade nos é lícito afoitar-nos a um juízo de fé acerca dos acontecimentos da nossa história individual, ou, com mais razão, da História das nações, do grande Mundo.

Hoje, em que os especialistas do conhecimento natural se mostram tão cautelosos quando se trata de apontar as causas, as razões, os acontecimentos que podem estar por trás do que se passa aos nossos olhos, com muito mais razão os que têm fé devem usar de prudência para não dizerem a todo o momento, a propósito de tudo e de nada: isto vem de Deus, aquilo vem do Demónio. A história dos magos do Faraó entre muitas outras (Êxodo 7,8), e as mil advertências do Novo Testamento acerca dos falsos profetas dizem-nos suficientemente que nem tudo o que luz é ouro e por isso também no domínio da fé é bom estarmos de sobreaviso contra a tendência a julgarmos demasiado depressa.

Quem esteve então na origem do Muro de Berlim? E quem é que finalmente conseguiu abrir brechas no muro de Berlim?

Escrevendo de Fátima, ninguém poderá levar-nos à conta de atrevimento uma leitura teológica em que se perfilam dum lado as velhas tentações humanas, sopradas pela serpente infernal, no sentido de elevar o homem à categoria de único senhor do Universo, e do outro todas as forças que, numa história marcada também por tentações, se consegue descortinar a mão poderosa e misericordiosa d'Aquele que, tendo criado o homem à sua imagem e semelhança, o acompanha, o protege e o estimula a caminhar no sentido do progresso, mas sempre com a convicção de que toda a vida é um dom de Deus. E mais: de que, só no reconhecimento humilde e agradecido da sua condição de criatura é que o homem poderá, pela graça do mesmo Deus que o criou, atingir, no fim da sua peregrinação, a felicidade perfeita que sempre almejou na terra. Esta é a única vitória digna das lutas do homem; e também a única que ele não pode conseguir por si, mas sim e só pela força do seu Criador: "Então o Senhor Deus disse á serpente: «Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela» (Génesis 3,15).

Ora o combate do Muro de Berlim foi precisamente este. Sejam quais forem as outras motivações que levaram à criação do sistema marxista de interpretação do mundo e governo da Humanidade, uma coisa parece inegável: a motivação mais forte e última esteve no desejo, na convicção e no propósito de varrer, e apagar do coração do homem, em toda a parte, e de uma vez para sempre, esse Deus da criação, que a serpente do Génesis quis também destruir no coração dos nossos primeiros pais.

Por Deus foi-lhe então prometida a inimizade entre a mulher e a serpente. Não pelo poder directo da Mulher, mas pelo poder do descendente que Ela daria à luz. Na tradição cristã que vem dos primeiros séculos e que se funda nos primeiros textos bíblicos, Maria é essa Mulher do Génesis. Quem tiver os textos do Vaticano II, aproveite para ler os admiráveis n.ºs 55 e 56 da Constituição "Lumen Gentium", e terá provas do que escrevemos.

No princípio deste século, a mesma mulher do Génesis, cuja missão continua, revelou em Fátima aos três inocentes pastorinhos: "... Por fim o meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia, que se converterá, e será concedido ao Mundo algum tempo de paz."

Em 25 de Março de 1984, o Papa João Paulo II, que viera de um país marxista, tendo convidado os bispos do mundo inteiro a reunirem-se a ele nesse mesmo dia, consagrou uma vez mais a Igreja e o mundo, com uma menção velada pela Rússia, ao Imaculado Coração de Maria. No ano seguinte Gorbachev era eleito Secretário Geral do Partido Comunista da União Soviética, e dava início á Perestroika de que nasceriam as brechas do Muro de Berlim. Que força está então por trás dessas brechas? Afoitamo-nos a acreditar que é a força de Deus, propiciada no amor desse Coração Imaculado da Mulher do Génesis, a quem tantos, de lá e de cá, se consagraram, em união com o Santo Padre e os bispos do Mundo inteiro.

Será então este o último episódio da História? Acreditamos que a História vai continuar, e com ela as lutas entre a serpente e a Mulher do Génesis. Mas neste século XX seja-nos lícito acreditar que chegou ao seu ponto mais alto, no Muro de Berlim (iniciado num 13 de Agosto), e com a vitória do amor de Deus, a velha luta que está na origem de todas as guerras.

P. LUCIANO GUERRA

D. João Pereira Venâncio (1904-1985)

Da Capelinha à Capelinha

A diocese de Leiria-Fátima homenageou, no dia 8 de Dezembro passado, a memória do Sr. D. João Pereira Venâncio, que foi bispo auxiliar (1954-1957), vigário capitular (1957-1958) e bispo residencial da mesma diocese (1958-1972). Aceite a sua resignação em 1 de Julho de 1972, D. João passou a residir no Seminário diocesano de Leiria e veio a falecer em 2 de Agosto de 1985.

decorreu toda à sombra da protecção maternal de Maria Santíssima, desde o nascimento (cinquentenário da definição dogmática da Imaculada Conceição) à morte (bimilenário do nascimento de Nossa Senhora). Da sua longa vida, apraz-nos recordar aqui apenas dois dos muitos momentos intimamente relacionados com a mensagem da Cova da Iria, que ele viveu, certamente

via-lhe, entusiasmado, a Imagem de Nossa Senhora de Fátima do Colégio Português, feita pelo mesmo escultor da Imagem da Capelinha das Aparições e benziada pelo próprio Papa Pio XI: "É uma beleza! Até o Santo Padre, quando a benzeu se deteve a admirá-la. O manto, sobretudo, tão naturalmente caído e tão fino que quase não excede a espessura dum manto natural; as mãos tão delicadas e de dedos tão bem torneados e distintos e o rosto que é todo celeste".

Foi a mesma Senhora, tão bem descrita na sua Imagem de Roma, em 1929, que acolheu, através da sua outra Imagem da Capelinha das Aparições de Fátima, tantos milhares de peregrinos, entre os quais os próprios Papas, desde Pio XII a João Paulo II, pessoalmente ou na pessoa dos seus legados, e também D. João Pereira Venâncio, que tantíssimas vezes ajoelhou a seus pés, nomeadamente às 6 horas da manhã do dia 6 de Julho de 1972, dia em que se tornou conhecida a aceitação da sua resignação ao bispado de Leiria.

A partir daquele dia, o Sr. D. João ainda voltou àquele lugar, muitas outras vezes. Temos a certeza que, embora sem a responsabilidade directa da custódia do Santuário e da parcela do povo de Deus que lhe tinha sido confiada, continuou a cumprir, na oração e no silêncio, aquele encargo que assumiu um dia e que tão bem quis concretizar na sua divisa episcopal: "Ecce Mater tua".

P. Luciano Cristino



D. João Venâncio, Paulo VI e a Ir. Lúcia em Fátima, 13/05/67

Da homilia do Senhor D. Alberto Cosme do Amaral, bispo de Leiria-Fátima, pronunciada na Sé de Leiria, destacamos esta frase: "Honrando a memória do Sr. D. João, a diocese renova o seu compromisso de fidelidade à vocação de diocese de Nossa Senhora".

A vida do Senhor D. João

logo desde 1917, data das aparições e da sua entrada no Seminário, e propagou pelo mundo, como primeiro responsável do Santuário e da Diocese.

Poucos dias antes da sua ordenação sacerdotal em Roma (21 de Dezembro de 1929), o diácono João Venâncio, em carta ao seu Bispo, D. José, descre-

Património artístico e cultural da Igreja

ENTRE A CONSERVAÇÃO E A UTILIZAÇÃO

D. Albino Cleto, Bispo Auxiliar de Lisboa e Secretário da Conferência Episcopal Portuguesa, falou à Voz da Fátima sobre o tema central da última reunião dos Bispos em Fátima, que noticiámos na edição anterior.

Nesta conversa abordámos diversos aspectos ligados à problemática da defesa e conservação do património cultural da Igreja, bem como a relação com instituições cuja finalidade é precisamente a de defender os valores culturais, artísticos e arquitectónicos.

A D. Albino Cleto cabe, certamente, grande parte do mérito da redobrada atenção que a Igreja pretende dedicar ao seu património, devido à acção que desenvolveu, durante alguns anos, como presidente da Comissão Episcopal da Liturgia.

Para D. Albino Cleto, a atenção da Igreja ao seu património não é uma novidade dos nossos dias: "Desde o século IV, quando começou a construir templos e a dotá-los com alfaias, está atenta ao património artístico".

"Ao longo da Idade Média e, depois, nos séculos seguintes, a Igreja, por ser grande criadora de património, dedicou muita atenção às artes ao serviço do culto e da evangelização".

Entretanto, neste último século e meio, a questão da preservação e conservação do património artístico e cultural da Igreja tem-se vindo a acentuar, entre nós.

D. Albino recorda o ano de 1834,

"em que parte desse património foi roubado à Igreja: todos os conventos das ordens religiosas extintas".

O assunto tomou maior relevo porque outras entidades, nomeadamente o Estado se têm, também, dedicado a conservar e preservar este património.

Reconhece-se ao Estado o direito e o dever neste campo, "mas logo surgem, aqui, questões de propriedade".

Estas questões levantaram, em Portugal, sérios problemas já durante o nosso século:

"Com a lei da separação, em 1911, o Estado não apenas tira, como já tinha sido feito 70 anos

antes - as próprias Igrejas. Apesar de terem sido deixadas abertas ao culto, parte delas ou quase todas, a verdade é que o Estado as declarou, sem mais, propriedade sua".

A Igreja Católica, durante, pelo menos, 30 anos esteve nesta situação, de 1910 a 1940.

"Quando a Concordata resolveu aclarar as coisas, nem tudo ficou totalmente claro: nesse momento, determinou-se que o proprietário de parte dos edifícios, e um bom número deles, passava a ser o Estado; como exemplo: quase todas as catedrais de Portugal, e, também, muitas outras igrejas: Batalha, Alcobaça, os Jerónimos, e outras, até mais pequenas.

Foi reconhecido à Igreja o direito de as utilizar para o fim que elas tinham na sua origem: o culto de Deus, a evangelização.

Surgem, apesar de tudo, imensas questões, que não são já só agora de Portugal mas de muitos outros países da Europa. Por exemplo, quem garante que o

Continua na página 4

ÍCONE IVERSKAYA

A última aparição aos três pastorinhos de Fátima foi a 13 de Outubro de 1917. A Mãe de Deus voltou a recomendar o rosário. Na sua aparição de Julho, pediu também um particular empenhamento de oração e penitência pela conversão da Rússia.

Agora que as mudanças em curso na União Soviética melhoraram a situação dos crentes e se pode dizer que estará para começar, naquele país, a realização das palavras de Nossa Senhora em Fátima - "por fim, o meu Coração Imaculado triunfará e haverá paz" - queremos recordar que a data de 13 de Outubro é um aniversário mariano querido aos russos. De facto, a 13 de Outubro de 1648, chegou a Moscovo o ícone de Nossa Senhora "Iverskaya", cópia de outro que, desde há séculos, se venerava no Monte Athos. Foi levado para o centro da capital russa, junto do Kremlin, onde foi construída uma capela especial, perto das portas chamadas da Ressurreição.

Desde o século XVII, há testemunhos escritos da particular veneração dos fiéis e dos milagres ocorridos junto desse ícone, que tem um metro de altura.

Depois da revolução bolchevista, com o novo arranjo da Praça Vermelha, tanto as portas como a capela foram demolidas, e a imagem sagrada foi levada para uma igreja paroquial.

Uma cópia da Mãe de Deus "Iverskaya", pintada na Rússia, foi doada à capela do mosteiro russo existente perto de Roma. É

um ícone do tipo da "Odighitria" (a que indica o caminho), porque Nossa Senhora indica o seu Divino Filho com a mão direita, e os dois rostos não se tocam. Uma

cobertura de prata lavrada cobre a pintura, deixando apenas descobertos os rostos e as mãos; em baixo, ao centro, está gravado em eslavão o nome "Iverskaya". Embora imperceptível na gravura, há uma ferida na face direita da Virgem, da qual correm gotas de sangue, e isto recorda um facto prodigioso ocorrido com o ícone original. No tempo das lutas iconoclastas, um soldado bizantino golpeou-a com um sabre e dos golpes correu sangue. A sagrada imagem pertencia a uma piedosa viúva de Niceia que, orando, a deitou ao mar para

a subtrair à destruição. Depois de ter flutuado, durante muito tempo, o ícone chegou ao sopé do Monte Athos, fazendo-se assinalar a sua presença por uma coluna de luz. Só pôde aproximar-se dela um velho monge do mosteiro Ivion que a levou para a igreja do mosteiro onde foi colocada solenemente. Mas, na manhã seguinte, encontraram-na sobre a porta de entrada do

mosteiro e isso sucedeu por três vezes. Compreenderam que a Virgem preferia ficar ali como guarda e decoraram o lugar. Daqui, alguns chamam-na "Portaitis-



sa", isto é, porteira, mas o nome mais difundido continua a ser o de "Iverskaya", isto é, de Ivion.

Além do dia 13 de Outubro, esta imagem é venerada a 12 de Fevereiro e na quarta-feira depois da Páscoa.

Continuemos a rezar pelos irmãos russos, como pediu a própria Mãe de Deus. (Da Carta nº 30 do Mosteiro Russo de Roma, Set. 1989)

P.LUCIANO CRISTINO.

NAMPULA: CINQUENTENÁRIO

A diocese de Nampula, Moçambique, cuja catedral foi a primeira a ser dedicada a N^{ra} S^{ra} de Fátima, está a celebrar desde 4 de Setembro um «Ano Jubilar», assinalando a passagem do cinquentenário da sua criação.

Em 4 de Setembro de 1940, - na sequência dos "solenes acordos entre a Sé Apostólica e a República Portuguesa" assinados em 7 de Maio de 1940, que previam a alteração da "hierarquia eclesiástica nas colónias portuguesas de África e de Timor" - o Papa Pio XII, através da Bula "Solemnibus Moçambicana", suprimia a "Prelatura Nulius Moçambicana" sufragânea da Igreja Metropolitana de Goa, e criava e constituía em seu lugar, "a Igreja Metropolitana de Lourenço Marques", englobando as dioceses de Lourenço Marques, Beira e Nampula.

Em 18 de Novembro de 1941, tomou posse o primeiro bispo de Nampula, D. Teófilo José Pereira de Andrade, que a governou durante 10 anos. Sucedeu-lhe, em 24 de Maio de 1951, D. Manuel de Medeiros Guerreiro, que ali exerceu o seu múnus pastoral até 1967. Neste mesmo ano, tomou posse o seu actual arcebispo, D. Manuel Vieira Pinto.

Em 1984, Nampula foi elevada à dignidade de Arquidiocese. Entretanto, haviam sido já criadas, em 1957, a diocese de Porto Amélia, e, em 1963, a de Vila Cabral (para a qual foi nomeado primeiro bispo o actual Arcebispo Primaz de Braga, D. Eurico Dias Nogueira) ambas desmembradas diocese de Nampula.

Num relatório, em que conta a história da sua Arquidiocese, o

actual Arcebispo, D. Manuel Vieira Pinto, informa que, em 1988, "as comunidades eram 1.249, os catequistas e animadores 7.286, os catecúmenos 41.693, os padres 42, os irmãos 14, as irmãs 102, os missionários leigos 9, os Leigos Servos de Maria 54, os seminaristas maiores 4, os seminaristas do Seminário Médio 24, os jovens do Seminário Menor 16, as candidatas a Irmãs Diocesanas 11, os centros vocacionais 2, os centros catequéticos 1, os Mini-Centros 4, os centros Sócio-Pastorais 2, o total de paróquias e missões 54, o total dos católicos 285.317".

"Estes números, se revelam o crescimento quantitativo da Arquidiocese, não revelam o seu inteiro e real crescimento eclesial", escrevia D. Manuel, adiantando que "tal crescimento podemos vê-lo a partir sobretudo das Comunidades e também do testemunho que os diversos agentes de evangelização e de pastoral vivem hoje e aqui".

Nos projectos do Pastor desta Igreja para a celebração do cinquentenário da sua arquidiocese encontram-se diversos propósitos, tais como "lançar ao longo deste ano algumas iniciativas que possam ajudar a repensar esta Igreja, a descobrir novos caminhos, a aprofundar a pastoral e a Evangelização, tornando assim esta Igreja mais sólida e mais estável..." ANTONIO GONÇALVES.

VAMOS REZAR COM ESTA MÃE

De algures em Portugal recebemos um apelo, que aqui deixamos, de uma mãe cuja filha estava (e estará talvez ainda) a tirar um curso superior no estrangeiro.

"Eu e o meu marido levámo-la ao comboio, para ela depois seguir. Um ou dois minutos antes da chegada do comboio, ela fez-me uma festinha no rosto e sorriu-se para mim. Aproximou-se o comboio, ela entrou para dentro. Era costume ela dizer-me adeus, acenando até o comboio desaparecer. Mas, nesse dia, subiu o de-

grau do comboio e daí nunca mais a vi... Meus olhos fixos na janela do comboio, mas nunca, nunca mais vi aquela querida filhinha. Ainda me telefonou algumas semanas, como era costume. Mas nos princípios de Fevereiro deixou de me telefonar e aí tudo acabou. Sofri horrivelmente. Esta incerteza de a tornar a ver ou não arruinou-me os nervos, pois não consigo suportar tal angústia e tal depressão. Peço pois a V. Rev. cia que tenha misericórdia e compaixão de mim, pedindo com todos os fiéis

que peregrinam a Fátima, a volta da nossa querida filhinha. Tenho junto da minha cama uma imagem de N^{ra} S^{ra} de Fátima e junto a ela o retrato da minha filhinha. Vezes sem conta beijo as duas e rezo aquela oração "Lembra-vos ó piíssima Virgem Maria..." etc.

A minha filhinha, já uma adulta, conservava o costume de menina. Antes de se deitar, beijava a mãe e dizia sempre: "Sonhe com os anjinhos". À noite, sobretudo, sinto a falta destas palavrinhas. E agora, antes de me deitar, beijo a Mãe do

Céu e o retrato da minha querida filha, dizendo: "Até amanhã, e sonha com os anjinhos." Tudo isto é uma dor muito grande.

Vou ver se consigo sustentar um pouco as lágrimas saudosas, esperando com muita, muita fé, o milagre de nossa Mãe do Céu."

Aqui fica o nosso apelo, para todos, mas sobretudo para as mães "porque desgostos destas, só a própria família, sobretudo os que têm filhos, podem dar o valor". Sem dúvida! Mas infelizmente já há hoje mães que

não sentem a perda de seus filhos. Continue, Irmã, a colocar a sua esperança no Senhor e em sua Mãe Nossa Senhora. Deve ser grande e profundo o drama que atingiu a sua filha. E no seu coração de Mãe muitas recordações devem ter batido nestes meses, muitas hipóteses do que poderá ter acontecido à sua filha, para que tenha deixado de lhe telefonar e mesmo tenha sido diferente o adeus na hora da partida. Estaremos consigo, na esperança de que Nossa Senhora lhe dará uma resposta.

Fátima dos pequeninos

JANEIRO 1990
N.º 112



Os vizinhos vinham muitas vezes fazer-lhes companhia e costumavam dizer que apesar de os não deixarem dormir se sentiam alegres e lhe passavam todas as arrelias ao ouvirem a festa que a família da Lúcia fazia. Podemos imaginar!

Porque será que em muitas famílias não há esta alegria que havia na família da pastorinha Lúcia?

Porque será que tantos não têm família?

Olá amigos!

- Que tal a vossa festa de Natal? - Imagino que tenha sido um belo e maravilhoso encontro de família.

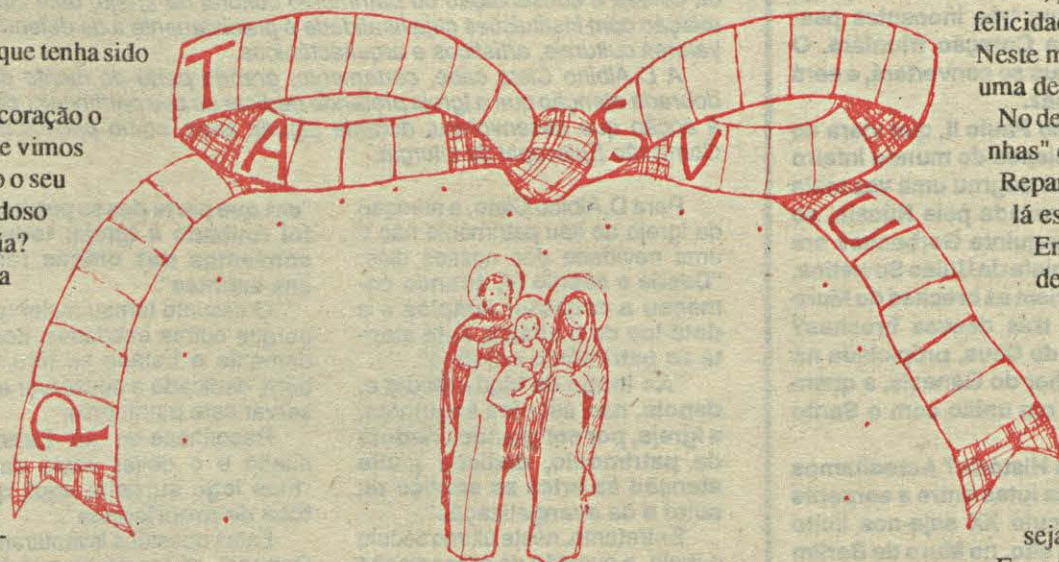
Penso que ainda ainda devem ter bem no coração o prazer desses dias e a ternura do presépio onde vimos Jesus com Maria, a Mãe, tão feliz por ter dado o seu Filho ao mundo! E, ao olhá-los, com o bondoso S. José ao lado, quem não pensou na sua família? Quem não pensou na grande honra que é para nós, Jesus ter nascido numa família como a nossa?

Jesus teve a Sua família. Nela pôde crescer, aprender a rezar, a partilhar, a amar, a servir...

Já repararam como é maravilhoso ter uma família?

Lúcia, a pastorinha de Fátima, fala na alegria que havia na casa dela quando, à noite, depois de rezar o terço, ao serão, todos trabalhavam.

Tinha seis irmãos: cinco raparigas e um rapaz. Umas teciam, outras costuravam, a mãe fiava, o irmão tocava harmónio e todos cantavam.



Sim, porque há muitos que não têm o prazer e a felicidade de viver e crescer na sua família!

Neste mês de Janeiro, queria convidar-vos a fazer uma descoberta - a descoberta da vossa família!

No desenho que vêem, coloquem letras nas "casinhas" em branco, de modo a formarem palavras. Repare que a primeira letra de cada palavra, já lá está...

Em seguida, unam todos os pontinhos. Que descobriram?

Não é isto a vossa família - um grupo de pessoas unidas pelos laços do coração em que a ternura, o amor e o perdão são o serviço que dia a dia prestamos uns aos outros para que ela seja uma fonte de vida e de felicidade, para todos?

Vamos trabalhar e rezar para que assim seja, de acordo?

E a mãe de Jesus ficará muito contente connosco - como qualquer mãe fica contente com o filho quando vê que ele faz esforço para ser bom filho!...

Até ao próximo mês, se Deus quiser. Irmã Maria Isolinda.

